

LIRISMO E PAISAGEM URBANA: diálogos no ensino de literatura

André Luiz Neves Jacintho

Professor da rede estadual de educação do ES

E-mail: andretcho@gmail.com

Letícia Queiroz de Carvalho

Docente do Instituto Federal do ES – Campus Vitória

E-mail: leticia.carvalho@ifes.edu.br

Resumo

O artigo busca apresentar as relações entre o texto poético e a paisagem urbana, presentes em algumas produções líricas representativas da literatura, como as de Charles Baudelaire, Elmo Elton e Paulo Leminski, por meio da percepção da paisagem como importante sustentação de sentido para a compreensão crítica do lirismo no contexto do ensino de literatura, sustentados pelas matrizes teóricas de Bakhtin (2011), Canevacci (1993), Candido (1995, 2004), Carlos (2001), Freire (1991), Gadotti (2016) e Harvey (2009, 2012). Nessa perspectiva, apresentaremos os desdobramentos dessa compreensão, ao considerarmos a paisagem urbana como um cenário polifônico a partir do qual o entendimento da natureza das cidades em suas contradições se apresenta como um caminho potente para a docência de Literatura.

Palavras-chave: Lirismo. Paisagem urbana. Ensino de Literatura.

LIRISM AND URBAN LANDSCAPE: dialogues in literature teaching

Abstract

The article seeks to present the relations between the poetic text and the urban landscape, present in some lyrical productions representative of literature, such as those of Charles Baudelaire, Elmo Elton and Paulo Leminski, through the perception of the landscape as an important support of meaning for the critical understanding of lyricism in the context of literature teaching, supported by Bakhtin's theoretical matrices (2011), Canevacci (1993), Candido (1995, 2004), Carlos (2001), Freire (1991), Gadotti (2016) and Harvey (2009, 2012). In this perspective, we will present the consequences of this understanding, when considering the urban landscape as a polyphonic scenario from which the understanding of the nature of cities in their contradictions presents itself as a powerful path to the teaching of Literature.

Keywords: Lyricism. Urban landscape. Teaching Literature.

Introdução

“[...] qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”

Douglas Meinig

A Cidade e a paisagem urbana são polifônicas (CANEVACCI, 1993). As ruas, os prédios, os automóveis dizem algo sobre elas. É impossível não distinguir uma metrópole de uma pequena cidade do interior, assim como não se pode deixar de perceber as muitas vozes que se entrecruzam na pluralidade de discursos, sons, signos e paisagens presentes no ambiente urbano.

O antropólogo italiano Massimo Canevacci (1993), em uma de suas viagens a São Paulo, deixa-se perder pela Cidade a fim de “ouvi-la”. Sobre ela diz que “Compreender uma cidade é colher fragmentos” (1993, p. 35). Afirma ainda que “a comunicação urbana é dialógica” (p. 23). O antropólogo observa a arquitetura, as pessoas, as avenidas e cita Ítalo Calvino e o seu *Cidades Invisíveis* (1990), para tratar das manifestações artísticas e literárias produzidas na Cidade. Nosso objetivo neste artigo é apresentar as relações entre o lirismo e a cidade, presentes em algumas produções líricas representativas da literatura, a partir da concepção de paisagem urbana como espaço polifônico e dos possíveis desdobramentos da compreensão de tais relações no contexto do ensino de Literatura.

Não pretendemos traçar um conceito do que seria a poesia da Cidade, qualquer tentativa nesse sentido estaria a priori

[...] condenada ao fracasso não tanto pelo objeto em si, mas pelo esmagador acúmulo de História que obrigatoriamente se apresenta, o que exigirá um desdobramento metodológico (com suas variedades) que dificilmente chegaria a algum fim – ou a um princípio. As escolhas teriam de ser tantas e tais, que no máximo poderíamos chegar, instavelmente, a alguma poesia, ou a um modelo que, definido, excluiria a multidão dos outros, um pecado que parece fazer parte da natureza das vanguardas. (TEZZA, 2003, p. 56).

Pretendemos, sim, colocarmo-nos em escuta da poesia e o que ela tem a dizer sobre a Cidade. O que o seu discurso sobre a Cidade tem a nos revelar. Calvino, no seu *Cidades Invisíveis* (1990, p. 59), nos diz, como que dizendo ao imperador mongol Kublai Khan: “Ninguém sabe melhor que tu, sábio Kublai, que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. No entanto, há uma relação entre ambos”.

Compagnon (2009) reafirma essa capacidade de instruir da literatura através de Aristóteles, que tinha a mimese como “instintiva no homem” (ARISTÓTELES 2005 *apud* COMPAGNON, 2009, p. 30). Para o autor francês, “[...] a literatura deleita e instrui” (p. 30). Ele utiliza como exemplo as fábulas de La Fontaine e outros textos ficcionais para argumentar que por meio da leitura é possível ver e viver experiências humanas que levam ao crescimento moral, espiritual, psíquico etc. Antonio Candido, no seu “Direito à Literatura”, argumenta sobre a capacidade humanizadora da literatura, trata-a como indispensável à formação integral

do homem e como “instrumento poderoso de instrução e educação” (CANDIDO, 2004, p. 243).

Voltando a Compagnon, encontramos outra potência da literatura, como instrumento de libertação, libertação principalmente da religião, dos autoritarismos, da intolerância. Nesse sentido, a poesia é capaz de lançar luz sobre questões humanas que ignoramos, sobre sentimentos alheios em comparação com nossos próprios sentimentos, pois “[...] a poesia me proporciona a descoberta de alguns dos meus sentimentos possíveis. Ela pode ampliar para mim o campo da minha capacidade de sentir coisas novas” (KONDER, 2005, p. 15), enquanto Paz (1993, p. 140) nos diz que ela está “entre a revolução e a religião”, alinhado a Konder (2005), ao afirmar que a literatura torna os homens mais sensíveis para se conhecerem melhor, além da argumentação barthesiana que a literatura liberta do fascismo da língua que nos “obriga a di- zer” (1977, p. 13).

Ainda em Compagnon, temos a terceira potência da literatura, seu poder de corrigir os defeitos da linguagem. Por meio da literatura – e dos gêneros literários – Bakhtin (2011) nos ensina a trabalhar o discurso dialogicamente, interagindo através do diálogo. O mesmo autor diferencia gêneros primários e secundários, estes voltados mais para a escrita, frutos de uma utilização mais formal da linguagem, aqueles, produções mais ligadas ao cotidiano. As relações entre eles poderiam mediar o processo de ensino-aprendizagem da língua na escola, de forma mais significativa e menos hierarquizada.

Culler (1999, p. 35) chama a atenção para “colocação em primeiro plano da linguagem” na literatura, ou seja, na literatura, o interesse é o trabalho que se tem com a língua e seus efeitos de sentido produzidos no texto. A relação forma/conteúdo chama a atenção do leitor para os usos incomuns que o artista consegue empregar na obra.

Compagnon (2009) nega qualquer poder da literatura, além do exercício sobre ela mesma e reafirma seu impoder, seu despoder, sua impossibilidade de ser aplicada a qualquer uso social ou moral. Citando Barthes, afirma: “A literatura não permite andar, mas permite respirar” (BARTHES, 2003 apud COMPAGNON, 2009, p. 41). Segundo Candido (2004, p. 176), “ela não corrompe nem edifica”.

Já Barthes (1977) chama de segunda força da literatura, a força de representação. Para o autor francês a literatura tem o poder de representar o real, apesar de, com Lacan, chamá-lo impossível, diz que a literatura não se furta a buscá-lo, ao contrário, seria o impossível quem otivaafaina literária. E é essa força apontada por Barthes que nos interessa a partir daqui.

Vamos buscar na literatura, mais especificamente na poesia, uma representação, uma voz outra que fale da paisagem urbana, que fale da relação entre o discurso e a Cidade, para a qual chama a atenção Calvino. Nessa perspectiva, pretendemos apresentar as relações entre o texto poético e a cidade, por meio da percepção da paisagem como importante sustentação de sentido para a compreensão crítica do lirismo no contexto cultural da educação literária.

A partir de tal compreensão, apresentaremos os possíveis desdobramentos no ensino literário, ao considerarmos a paisagem urbana como um cenário polifônico cuja poesia transpõe o texto lírico e se apresenta como um caminho potente para a docência de Literatura. O nosso percurso argumentativo organizou-se a partir das seguintes seções: “A paisagem urbana e suas vozes: o lirismo da cidade” – em que a discussão do urbano se apoiará em concepções que considerem sua dimensão histórico-social; “A paisagem urbana na poesia”, seção em que propomos o diálogo com alguns textos poéticos e as suas representações do urbano; “Lirismo e paisagem urbana na sala de aula: diálogos possíveis”, onde as representações da paisagem urbana no texto lírico poderão trazer à tona questões provocadoras no processo dialógico de leitura poética no contexto escolar. Por fim, nas “Considerações finais”, sistematizaremos os principais elementos teórico-metodológicos da nossa interlocução, a fim de provocarmos novas questões sobre o tema.

A paisagem urbana e suas vozes: o lirismo da cidade

A paisagem da cidade absorve a dimensão e a história de várias épocas e contextos sociais. Carlos (2001) destaca, para além de tal dimensão histórico-social, um movimento próprio à paisagem urbana, o qual traduz um ritmo de vida e um modo de expressão da vida no ambiente citadino, em meio aos seus ruídos, cores, sons e contradições.

É importante, pois, pensarmos na discussão do urbano para além dos elementos espaciais presentes em suas edificações e locais concretos, de modo a ressaltarmos uma compreensão da paisagem urbana que se alinhe a uma perspectiva de análise para além da aparência:

Enquanto forma de manifestação do urbano, a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência; essa perspectiva de análise já introduziria os elementos da discussão do urbano entendido enquanto processo e não apenas enquanto forma. A paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial, os quais fornecem elementos para uma discussão de sua evolução da produção espacial, e do modo pelo qual foi produzida [...] (CARLOS, 2001, p.36).

Baudelaire foi, segundo Canevacci (1993), o primeiro poeta a captar “a psicologia da idade evolutiva da cidade” (p. 98). Para o antropólogo italiano, a metrópole evolui mais rapidamente que o homem. Sua velocidade de mudança não é acompanhada pelos seus habitantes e isso causa um estranhamento, uma angústia, pois a mudança desconforta o habitante da Cidade moderna que “se percebe como estranho, isolado, derrotado” (Idem, *ibidem*).

Nessa Cidade, em constante mudança, o que se poderá cantar: o céu, as nuvens, as pessoas? Canevacci diz que “[...] narrar uma Cidade, ou seja, descrevê-la e interpretá-la, não pode significar realizar sua ‘réplica’, mas sim produzir uma desorientação” (idem, p. 101). Ponzio (2010), falando sobre a palavra literária, diz que ela não se limita ao contexto monológico, não fica presa, subordinada a um objeto ou aos indivíduos que a utilizam. A escritura literária pode, por seu caráter exotópico, seu desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior, olhar a cidade de maneira irônica, de soslaio, pois a própria exotopia lhe permite um excedente de visão capaz de resistir ao tempo e seus efeitos.

A palavra literária permite fazer o que Perseu, o “herói leve” louvado por Ítalo Calvino, faz no mito quando vence a Medusa. Perseu vence o monstro cujo olhar petrifica, olhando-o não diretamente nem tampouco evitando olhá-lo ou virando os olhos para outra direção, mas olhando-o indireta-mente, refletido, como se diz no mito, no escudo. De forma análoga, a escritura literária pode furtar-se à petrificação da realidade olhando as coisas, mas de maneira indireta. (PONZIO, 2010, p. 64).

Além do olhar exotópico, do excedente de visão, a poesia proporciona o olhar do devaneio sobre a Cidade, a palavra literária apura os sentidos e revela o opaco urbano para os seus habitantes. No poema “O cisne”, de Baudelaire, o eu-lírico revela uma visão da Cidade que o artista é capaz de revelar, embora esta esteja sempre à nossa frente:

[...] Paris muda! porém minha melancolia
Não! andaimes, palácios novos, avenidas,
Blocos, para mim tudo vira alegoria,
E mais que as pedras, pesam lembranças queridas.
Também em frente ao Louvre uma imagem me oprime:
Penso em meu cisne, no seu gesto delirante,
Tal qual os exilados, grotesco e sublime,
Roído de um desejo sem fim! e adiante [...] (BAUDELAIRE, 2006, p. 453).

No poema dedicado a Vitor Hugo, o sujeito lírico compara-se ao cisne diante de uma cidade mais incerta que o “coração de uma infiel”. Essa visão não é uma reprodução ou réplica da Cidade, trata-se da captação de suas vozes, de suas nuances, pois ela dilacera com todas as suas forças a casca criada pelo hábito e pela razão que nos mostra uma “realidade” insuperável. Essa “realidade” cidadina deseja o genérico, os estereótipos, os padrões; rejeita tudo que não se conforma, tudo que não se subjuga. Contra essa padronização levanta-se Candido e diz que a literatura se trata do “[...] sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2004, p. 175).

O retrato da realidade, o discurso ordinário sobre as Cidades a descreve em números de habitantes, metros quadrados, renda per capita, taxas de natalidade e mortalidade; os mapas mostram suas fronteiras como linhas estanques, como se fosse possível acabar uma e começar outra a partir de uma rua, de rio ou quaisquer outras marcações ou acidentes geográficos. Nesses discursos não há preocupação com a alteridade, com a cultura com os costumes, afinal as Cidades não são formadas por pessoas?

Todos esses números, estatísticas, desenhos, são signos e como tal, são políticos, ideológicos sempre a serviço de interesses, pois não há linguagem neutra. Bakhtin afirma que “[...] o signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela” (2011, p. 35).

A poesia, desse modo, põe em dúvida a veracidade desses textos objetivos, desses “utensílios” ideológicos, serve como antídoto a esse signo comprometido, empenhado.

Usando as palavras com outros fins que não os práticos, sendo um inutensílio (Paulo Leminski), o poema põe em questão a utilidade dos outros textos e da própria linguagem. Afirmando coisas inverificáveis, irredutíveis a um referente, o poema questiona a verificabilidade e a referenciabilidade das mensagens que nos chegam cotidianamente. O poema vem lembrar, imperiosamente, que tudo é linguagem, e que esta engana. Que a linguagem está o tempo todo fingindo-se de transparente, de prática e de unívoca, e nos enreda num comércio que nada tem de essencialmente verdadeiro e necessário. (PERRONE-MOISÉS apud TEZZA, 2003, p. 69).

A linguagem do cotidiano anestesia o homem para sua existência, a poesia serve então de lembrança “do homem que está dormindo no fundo de cada homem” (PAZ,

1993, p. 144). Essa poesia resgata a universalidade, a alteridade e o de vir. O homem da poesia “[...] tem mil anos e tem nossa idade e ainda não nasce. É nosso avô, nosso irmão e nosso bisneto” (p. 144-145). Por isso é outra voz, porque diz, mas não com o objetivo de dizer, diz porque não lhe resta alternativa e ao mesmo tempo não diz, pois não tem a obrigação de dizer. Daí a sua (in)funcionalidade observada anteriormente. Esse discurso descomprometido sobre o homem e sobre a Cidade dos homens nos interessa sobremaneira, pois revela faces e vozes cidadinas soterradas em si mesmas.

Calvino (1990), quando fala da Cidade de Cloé, diz que as pessoas se cruzam, se entreolham, não se reconhecem, não se cumprimentam, mas “imaginam mil coisas a respeito umas das outras” (p. 51). Essa indiferença, tão comum nas metrópoles, alimenta a imaginação do poeta que tem como herói os personagens do cotidiano. Bakhtin (2011, p. 12) fala da tensa relação entre o autor e a personagem, da distância que ambos mantêm, o que permite ao autor abarcá-la inteiramente, completá-la, fazer dela um todo, com aquilo que lhe é e não é acessível. O poeta assinala com possibilidade de lhe fazer “viver os sonhos efêmeros” (p. 52) e nutre o “carrossel das fantasias”.

Quando a poesia de Elmo Elton, poeta capixaba, canta os personagens do cotidiano citadino de Vitória/ES, está nutrindo o “carrossel das fantasias”, está dando uma voz outra à Cidade, que, como dissemos anteriormente, é formada pelos homens. Para Bakhtin (2011, p. 13), ao vivenciar esses personagens, o autor embarca em valores axiológicos diferentes da sua existência e da existência ética de seus pares, ele entra por caminhos e valores exotópicos. Reconhecer a voz do catraieiro, da rendeira ou dos tipos populares é falar outra voz da Cidade. É ser surpreendido por vozes extraordinárias. E essas vozes apuram a visão, chamam a atenção para aquilo que era ignorado. É como se a poesia fosse um espelho d’água à beira de uma Cidade a sua margem, a água reflete as imagens, mas não as reflete de maneira límpida e cristalina, reflete-as com seu próprio movimento, seu ritmo, sua vibração e não há imprecisão na imagem refletida ou cantada, pois “[...] a mentira não está no discurso, mas nas coisas” (p. 60). Eis então outra voz da Cidade.

Marco Polo, ao descrever as Cidades ao imperador Kublai Khan, o atrai por causa do seu discurso incomum sobre os lugares que visitou. O olhar de estranhamento lançado por Polo consegue captar nuances que os discursos vulgares são incapazes. Esta é a surpresa, esta é a grande possibilidade da poesia de descascar as Cidades como se fossem cebolas, uma após a outra, as cascas vão revelando outras faces enterradas sob

discursos banais. Paz (1976) afirma que o tempo, o espaço e o mundo se desagregam em nossa época e tornam o homem ser errante na dispersão, por isso os discursos totalizantes não dão conta desse universo.

Só “a poesia: procura dos outros, descoberta da outridade¹” (p. 102) é capaz de reunir a dispersão do homem. A seguir, elencamos alguns poemas que tratam de Cidades, as mais diversas, na tentativa de ouvir o que os sujeitos líricos têm a dizer sobre elas.

A paisagem urbananapoesia

Selecionamos algumas poesias em que a paisagem urbana se apresenta ao leitor de forma inesperada, por meio de critérios de seleção bastante subjetivos, mas orientados principalmente pela forma como as Cidades ou seus atores aparecem em cena, evidenciando os pontos de vistas nem sempre percebidos no contexto urbano. Nos poemas, os sujeitos líricos conseguem apresentá-las com um discurso que não as replica, mas as reflete à maneira do lago de Valdrada (CALVINO, 1990, p. 53).

Começamos por Charles Baudelaire e seu lirismo sobre a Cidade. Baudelaire nasceu em Paris, em 9 de abril de 1821, e viveu as profundas transformações da Cidade devido à chegada das Educação na cidade de 305 indústrias. Morreu, prematuramente, na mesma cidade, em 31 de agosto de 1867. Foi poeta e teórico da arte francesa, mas levava uma vida boêmia, o que o teria levado a contrair sífilis, razão de sua morte. É considerado precursor do simbolismo e fundador da tradição moderna em poesia, pois pela aguçada percepção do real chegava sempre a um correlato objetivo para o sentimento que desejava expressar. Sua visão da Cidade era capaz de encontrar poesia em qualquer lugar “[...] tropeçando em palavras como nas calçadas, topando imagens desde há muito sonhadas” (BAUDELAIRE, 1996, p. 295).

Em sua obra *As flores do mal*, destacamos alguns poemas “[...] que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu, [...]” (BENJAMIN, 1989, p. 78). No poema a seguir, “Os sete velhos”, Baudelaire não demonstrava olhar complacente pelas figuras que transitavam pelas ruas de Paris. Não há o ranço da “piedade”, os velhos são o que são e não há pecado nisso, nem em sua situação nem na forma como a Cidade os relega à “rua feia”. O que há são vozes que ecoam pelas avenidas da “Cidade Luz”. Vejamos a imagem d’Os sete velhos.

OS SETE VELHOS A Vitor Hugo

Cidade formigante, e que ao sonho se aviva,
Em que o fantasma ao sol nos agarra o pescoço!
O mistério por tudo é seiva que deriva
Nos estreitos canais do poente colosso.
No entanto, uma manhã em que na rua feia
As casas, a que a névoa emprestava brancor,
Simulavam dois cais de um rio em plena cheia,
E em que, decoração como a da alma do ator

Suja e amarela bruma enchia todo o espaço,
Eu ia, os nervos meus com heroicas tensões,
E discutindo com meu espírito lasso,
Pela viela a vibrar dos graves carroções.

De repente um ancião cujas pobres sacolas
Imitavam a cor de um céu a tempestear,
A cujo aspecto só choveriam esmolos,
Se não fosse o rancor que ardia em seu olhar

Surgiu tendo no fel suas pupilas molhadas;
Enquanto aguça a neve, a das noites mais rudas,
A sua barba imensa, esquia como espadas,
Projetava-se assim como a barba de Judas.

Não era curvo mas alquebrado, a sua espinha
Dava com sua perna exato ângulo reto,
Tanto que seu bastão, que o seu cariz sublinha,
Ia-lhe dando o ar, como o passo incorreto,

De um mórbido luar, de um judeu de três patas.
Metias os membros seus na nevada e no lodo,
Como quem está a pisar mortos com as sapatas,
Lançando ao universo o arreganho do apôdo.

Vinha outro: barba, olhar, costas, bastão, molambos,
Eram em tudo iguais, do mesmo inferno oriundos,
Centenários os dois, visões barrocas ambos,
Iam com passo igual a misteriosos mundos.

Tinha eu diante do olhar um enredo poluto,
Ou era a humilhação de um acaso perverso?
Sete vezes contei, de minuto em minuto,
A multiplicação e velho tão diverso.

Aquele que se ri dessa minha inquietude,
Que não se vê prender de um frêmito fraterno,
Pense bem que, apesar desta decrepitude,
Estes monstros fatais tinham um ar eterno!

Teria posto o olhar num oitavo avantesma,
Sem morrer, a este sócia, irônico e fatal,
Fênix tremenda, mãe e filha de si mesma?

- Mas as costas voltei ao cortejo infernal.

Bêbado que vê dois, assim exasperado,
Voltei, fechei a porta e de susto transido,
Frio e enfermo, febril o espírito turbado,
Pelo mistério e pelo absurdo malferido!

Minha razão embalde ansiou suster-se à barra;
A borrasca anulou meu empeno ao jogar,
E minha alma dançava assim como gabarra
Sem mastros, por monstruoso e por infindo mar,
(BAUDELAIRE, 2006, p. 51

Baudelaire retrata seus personagens a partir da visão exotópica, sua transgressão de olhar capta o sujeito “[...] justamente naqueles elementos em que ele não pode contemplar-se” (BAKHTIN, 2011, p. 23). Como o autor se situa fora, sua visão contempla o todo, completa o quadro que se forma atrás de cada personagem.

O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse excedente de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra (BAKHTIN, 2011, p. 11).

O centro axiológico da personagem é todo conhecido do autor, e este a limita a olhar a direção que lhe apraz, tornando então seus valores éticos e cognitivos limitados ao alcance de sua visão, mas por outro lado o autor também está limitado à objetividade estética, que abarca tanto ele quanto a personagem. Essa limitação do autor não é conhecida da personagem, que por sua vez não pode ultrapassá-la. Se orientarmos então nossa pesquisa a abordar autores que falam da Cidade, não seria a Cidade nosso todo estético, nosso centro axiológico, nossa diretriz volitivo-emocional? É justamente nisso que entendemos a Cidade como referência estética da criação poética, e portadora de outras vozes e leituras, diferentes das usuais. Ou seja, buscamos as relações entre os discursos e a Cidade das quais falou Calvino (1990, p. 59).

De Baudelaire, poeta e crítico literário francês, e do seu lirismo em diálogo com o contexto urbano do século XIX, passamos a outra produção lírica, pertencente à poética do autor curitibano Paulo Leminski:

O olho da rua vê

O que não vê o seu.
Você, vendo os outros,
Pensa que sou eu?
Ou tudo que teu olho vê
Você pensa que é você?
(LEMINSKI, 1990:s.p.)

Leminski chama a atenção para o olhar atento da rua, o olho que consegue perceber aquilo que os olhos comuns não conseguem. Nascido em Curitiba, Paraná, em 1944, ficou conhecido por sua irreverência na criação poética, misturando trocadilhos e ditados populares. Começou sua carreira como escritor publicando em revistas alternativas, além de livros publicados na década de 1980. Entre eles destacam-se: *Capricho e Relaxos*, *La Vie en Close*, *Não Fosse Isso e Era Menos / Não Fosse Tanto e Era Quase*. Exerceu o magistério como professor de História e Redação e compôs músicas, algumas em parceria com Caetano Veloso. Faleceu precocemente em 1989.

No poema “O olho da rua vê”, esse olhar pode ser o do sujeito lírico, sempre atento às nuances ou do boêmio, criativo e irreverente. Esse olho não vê como os outros vêem. Esse olhar não se prende à casca do cotidiano, vai penetrando até encontrar as outras camadas que fazem parte do complexo jogo das alteridades que dão significado à vida.

Talvez seja o mesmo olho que enxerga a “feia flor” de Drummond (1997, p. 17). Esse olho, segundo Konder, é o olho da poesia, que “[...] trava uma ‘guerra de guerrilhas’ contra o princípio (que nos está imposto, na prática) da ‘vendabilidade universal’” (2005, p. 17). E continua: “Com sua natural atenção às diferenças, com sua abertura para as singularidades, a poesia complica o que tem de ser complicado, relativiza o que tem de ser relativizado. E faz isso para salvar o que tem de ser salvo” (p. 17).

Os olhos da rua podem ver muito além do que se imagina. Esses olhos sagazes distinguem aquilo que é superficial daquilo que é essencial. O que é essencial precisa ser trazido à tona, precisa se mostrar aos que observam a Cidade de maneira desatenta. A seguir outro poema de Leminski que tem a Cidade como cenário:

Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade. (LEMINSKI, 1990: s.p.)

No poema, Leminski apresenta a rua como o lugar fundamental da Cidade. A rua é o lugar do encontro, o lugar do conflito, da alteridade, bem como o espaço privado, da casa e do lar, a rua é dialógica. O poeta reconhece as potencialidades de aprendizagem que a rua

permite, reconhece que a rua, diferentemente do condomínio fechado, aceita o outro, acolhe o diferente, ou pelo menos, deveria ter essa capacidade. Daí a sua importância para a Cidade.

No poema “Curitibas”, também de Leminski, há uma relação de reconhecimento e prazer com a Cidade. O eu-lírico conhece as Curitibas – que pelo título são muitas – como a “palma da minha pica”, referência ao ditado popular “conheço como a palma da minha mão”. A utilização do órgão genital a invés da mão sugere a possibilidade de prazer que a Cidade oferece.

As representações da paisagem urbana apresentadas em nosso corpus poético nos reafirmam a necessidade de compreender o urbano para além do que está à frente dos nossos olhos e se revela concretamente a nós em sua constituição espacial, afinal qualquer paisagem se compõe também das nossas memórias, experiências e lembranças. Uma compreensão da paisagem urbana como espaço polifônico é, pois, o que pretendemos propor como diálogo nas práticas da leitura de poesia na escola, discussão proposta na seção seguinte.

Lirismo e paisagem urbana na sala de aula: diálogos possíveis

As representações da paisagem urbana no texto líricopoderão trazer à tona questões provocadoras no processo dialógico de leitura poética, a partir da qual poderemos ampliar a nossa percepção da paisagem como importante sustentação de sentido para a compreensão crítica do lirismo no contexto cultural, inclusive em nossa interlocução com a vida cotidiana e do que é possível apreendermos das nossas relações com o urbano:

A vida cotidiana, com suas múltiplas atividades, cria as formas, a dinâmica do fenômeno e o seu conteúdo. O que se pode apreender de um instantâneo da cidade? Uma fotografia estática, um momento específico de uma história que teve um princípio, mas que está longe de ter um fim? O trabalho materializado e acumulado de toda uma série de gerações que dia após dia incorpora, modifica, transforma, pela sua ação, porções cada vez mais significativas do espaço urbano? O mundo complexo de uma rede imbricada de relações que se estabelece entre os seres humanos vivendo em sociedade? (CARLOS, 2001, p.38).

Em meio às múltiplas atividades presentes na vida cotidiana dos grandes centros, escapam-nos, muitas vezes, os registros dos instantâneos da história social que ajudamos a construir nas paisagens urbanas, bem como as nossas experiências estéticas, distanciadas cada vez mais do espaço urbano e das suas memórias, vozes e transformações acumuladas por gerações que o constituem.

O processo urbano, pois, acarretou diversas transformações no modo de vida na

cidade, principalmente, no dizer de Harvey (2012), pela mudança da própria vida urbana e do universo das cidades em mercadoria, afinal em sua constituição político-econômica prevalecem aspectos alinhados ao consumismo, ao turismo e à indústria cultural, os quais reforçam hábitos de consumo e de relações culturais condicionadas a uma experiência urbana marcada pelo poder de compra em grandes centros comerciais e em pequenos comércios que, ao proliferarem, contribuem para a materialização do sistema capitalista no espaço citadino.

A ideia de um direito à cidade, a partir do qual a participação do homem nos processos históricos de criação de um espaço urbano que se configure realmente à satisfação das necessidades humanas, é muito presente nas reflexões de Harvey (2009). O geógrafo reitera também que esse direito à cidade não é apenas o direito de ter acesso às migalhas caídas da mesa dos ricos, mas sim o direito que todos devemos ter de construir as diversas cidades que queremos que existam.

Desse modo, para que o lócus urbano não se restrinja a um espaço de segregação em cujo cerne se localizam apenas os interesses econômicos e políticos propriamente ditos, é preciso que pensemos a paisagem urbana também como lugar da vida, em suas múltiplas manifestações, da apropriação cultural, da vivência e da inventividade (AMORIM, 2008, p. 13).

O direito à cidade, ao convívio e à vida social inclui também o direito à literatura e à cultura como inalienáveis e essenciais à nossa formação humana, uma vez que as produções culturais permitem uma experiência estética que nos ajuda a organizar o nosso caos mental, dar forma aos nossos sentimentos e ampliar a nossa visão do mundo; por isso, não desumaniza (CANDIDO, 2004).

Nas relações do homem com a realidade, a partir da perspectiva de estar com ela e estar nela, em atos criativos, ressignificações ou decisões torna o seu mundo mais vivo e dinâmico, visto que a compreensão dessa realidade por meio de uma postura participativa, transverte-os em sujeitos que temporalizam os espaços geográficos, produzem cultura e que se humanizam ao acrescentarem à paisagem urbana algo de sua autoria, resultante da sua experiência social com o urbano (FREIRE, 1991).

Os textos poéticos trazem em seus traços estilísticos essa potência para a compreensão da palavra e das suas relações com o mundo, em uma perspectiva transformadora, em razão da própria natureza polissêmica, ambígua e contraditória do signo poético, tal qual nos lembra o poeta Octávio Paz:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal (PAZ, 1982, p. 15).

Sob tal ótica, ao pensar a poesia em sala de aula, como nos lembra Pinheiro (2018), o professor ou mediador de tal prática, deverá buscar, como condição indispensável para um diálogo potente, o reconhecimento dos contextos sociais em ela ocorre, além da valorização do universo cultural dos seus alunos, muitos deles atingidos por situações violentas e excludentes do nosso cenário social.

O encontro do gênero lírico com a paisagem urbana, em sua pluralidade e contradições, além de rica experiência estética alinhada aos recursos estilísticos, semânticos e imagéticos próprios do lirismo, poderá instaurar práticas de leitura mais alinhadas a outros espaços sociais potencialmente educativos, quais sejam: praças, museus, bibliotecas públicas, cinemas, teatros, enfim, poderá expandir a percepção do espaço urbano como lugar de produção e de apropriação das culturas que nele emergem, afinal como ressalta Brandão (1981, p.116)

[..] ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Por ser um lugar rico em imagens, tipos, costumes e linguagens, o espaço urbano representado nas produções literárias agrega às práticas de leitura novas interpretações, análises e compreensões de tais objetos, ampliando, pois, a poética dos mais variados contextos urbanos, sejam brasileiros, sejam do mundo. Ao afirmar que a literatura era um fenômeno civilizatório que dependia do entrelaçamento de vários fatores sociais, Candido (2004), certamente, fazia alusão também à paisagem urbana presente na composição ficcional e ao repertório social trazidos à edificação literária pelos sentidos ofertados pelos cenários, pelos personagens e pela cultura do espaço urbano (BORUCH; ALMEIDA, 2017).

Nessa perspectiva, o cenário urbano poderá ampliar a compreensão literária para além de uma visão imanente do texto, a partir de um olhar crítico que não sobrepuje a nossa experiência estética e não aniquile a nossa sensibilidade diante do outro e das situações sociais que nos desafiam a pensá-lo de forma articulada também às dimensões políticas e culturais, sobretudo compreendendo que o conhecimento produzido por meio da leitura

precisa estar atrelado a melhores condições de vida.

Para superar a distância da escola em relação ao mundo contemporâneo, não se propõe, evidentemente, ceder aos apelos da modernização e incorporar as novas tecnologias nos métodos pedagógicos. Muito mais do que isso, a sintonia com o tempo deveria ser expressa pela compreensão das necessidades desse tempo, da forma de organização social e das possíveis aspirações de melhoria das condições de vida. (ANTUNES, 2015, p. 220).

Entendemos, sob tal ótica, que a interlocução na escola entre os textos líricos e as questões sobre o urbano como espaço plural, para além do sentido geográfico, ampliará a nossa concepção sobre a cidade, inclusive como um lugar de produção cultural, em cuja estrutura histórico-social estamos inseridos não apenas como consumidores, transeuntes ou trabalhadores aliados dos processos decisórios sobre o contexto citadino, mas principalmente como sujeitos participativos, cujo direito à cidade e aos seus espaços potencialmente educativos deverá se fazer presente em nosso cotidiano.

Considerações finais

Buscamos no artigo em tela compreender, por meio das produções líricas, a importância da paisagem urbana nas experiências de leitura crítica, de modo a destacar uma concepção do urbano não restrita à concretude dos espaços citadinos, mas também alinhada às memórias e sentidos que atravessam a sua constituição, afinal como lembra Santos (2002, p. 107): "A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais".

Diante de tal concepção, destacamos que as produções líricas escolhidas como *corpus* de análise neste texto trouxeram provocações sobre a paisagem urbana, as quais poderão subsidiar reflexões e debates potentes no contexto do ensino de Literatura, dentre as quais evidenciamos: a) A atenção para o olhar atento da rua, o olho que consegue perceber aquilo que os olhos comuns não conseguem; b) O olhar exotópico, do excedente de visão que a literatura proporciona e o olhar do devaneio sobre a Cidade, a partir do qual a palavra literária apura os sentidos e revela o opaco urbano para os seus habitantes c) A captação de vozes na poesia e de suas nuances que dilaceram com todas as suas forças a casca criada pelo hábito e pela razão que nos mostra uma "realidade" insuperável, marcada pelo genérico, pelos estereótipos e por padrões; rejeita tudo que não se conforma, tudo que não se subjuga; d) A rua é o lugar do encontro, o lugar do

conflito, da alteridade, pois em suas especificidades, a rua também é dialógica. A poesia reconhece as potencialidades de aprendizagem que a rua permite, diferentemente do condomínio fechado, ao aceitar o outro, acolher o diferente; e) A Cidade como referência estética da criação poética, e portadora de outras vozes e leituras, diferentes das usuais que podem limitar a nossa compreensão do urbano e da sua complexidade.

Essas reflexões poderão trazer para a cena escolar momentos de aproximação entre os jovens alunos, de forma afetiva e gradual de modo a torná-los leitores sensíveis e críticos, capazes de ultrapassar a sua formação na escola e seguirem na vida como cidadãos que contribuam para o processo civilizatório do planeta. Quanto mais criarmos espaços na escola para a leitura poética, principalmente a partir da compreensão do lócus urbano como uma extensão das nossas vidas, mais condições teremos de humanizar a nossa compreensão do mundo e alargarmos a nossa visão sobre as relações sociais que vivemos (PINHEIRO, 2008).

A leitura da paisagem urbana, a partir do gênero lírico poderá suscitar o reconhecimento da Cidade como um espaço vivo, em que inúmeras possibilidades educadoras podem se constituírem razão da aprendizagem permanente que a vivência na Cidade e em seus espaços culturais possibilitam aos que nela transitam. Desse modo, defendemos que a leitura crítica da poesia encaminhará novas práticas de educação “na” e “com” a cidade, quando as representações cidadinas chegarem à sala de aula como um movimento espontâneo em que feitos e fatos vividos por mulheres e homens criam situações singulares de educação (GADOTTI, 2006).

Nota

¹O autor usa o termo *otredad*, um neologismo. A tradução para *outridade* é também um neologismo, que implica a noção de *outro* em oposição à noção de *mesmo*, ou seja, de *alteridade*

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. **A Rosa do Povo**. Rio de Janeiro, 1997.

ANTUNES, B. O que significa ensinar literatura no mundo contemporâneo? *Miscelânea*, Assis, v. 18, p.217-230, jul.-dez. 2015.

AMORIM, W. V. **A (re)valorização e a produção social do espaço urbano na zona leste de Londrina**: a dinâmica do capital incorporador e da especulação imobiliária. 2008. 123 f.

Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, do Centro de Ciências Exatas. Londrina, 2008.

BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a Modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORUCH, T.; ALMEIDA, P. H. W. As representações do urbano, nos poemas de Helena Kolody. **VIII Congresso Internacional de História**, 2017. Disponível em: [3757.pdf \(uem.br\)](#). Acesso em: 24 jun. 2021.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981.

CALVINO, Í. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 2ª. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 35-38.

CULLER, J. **Teoria Literária: uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo, Editora Cortez, 1991.

ELTON, E. **Marulhos**. Vitória: Editora Vida Capixaba, 1946

ELTON, E. **Poemas que a onda levou**. Vitória: Editora Vida Capixaba, 1947.

GADOTTI, M. “A escola na cidade que educa”. *Cadernos Cenpec | Nova série*, [S.l.], v. 1, n. 1, may 2006. ISSN 2237-9983. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160>>. Acesso em: 09 mai. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v1i1.160>.

HARVEY, D. “**O direito à cidade**”. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012.

HARVEY, D. “**Alternativas ao neoliberalismo e o direito à cidade**”. *Novos Cadernos NAEA*, v. 12, n. 2, p. 269-274, dez. 2009.

KONDER, L. *As artes da palavra: elementos para uma poética marxista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

LEMINSKI, P. **Quarenta clics em Curitiba**. 2. ed. Curitiba: Etcetera/Governo do Paraná/Secretária de Estado da Cultura, 1990. S.p.

LEMINSKI, P. **La vie em close**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MORAES, P. S. Notícia Biobibliográfica. In: JACINTHO, André L. N. (org). **O Poeta da cidade**: Elmo Elton - vida e obra. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2014. p. 15-19

PINHEIRO, J. H. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

PINHEIRO, J. H. Caminhos da abordagem do poema em sala de aula. **Graphos**, João Pessoa, v.10, n.1, 2008, p.19-31.

PONZIO, A. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PAZ, O. **A outra voz**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PAZ, O. **Signos em rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia**: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.